

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/10/2012 a 31/10/2012

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

México diz que Odebrecht prevê investir US\$ 8,1 bi – O Estado de São Paulo, Economia. 01/10/2013	3
Etiópia e Honduras recebem arroz brasileiro. Thaís Margalho – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 04/10/2013	3
Modelo de 'megafazendas' é controverso e ameaça países africanos, diz pesquisador. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 06/10/2013	4
Importação de trigo de fora do Mercosul será inevitável em 2014. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/10/2013	5
Lucro líquido da Yara cai 40% no terceiro trimestre. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 18/10/2013	6
Receita da Syngenta atinge US\$ 2,92 bi no 3º trimestre. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Agronegócios. 18/10/2013	6
Argentina aponta forte queda na produção de trigo. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 18/10/2013	7
CONTAG participa de Diálogo Regional sobre Agricultura Familiar no Chile – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (CONTAG). 30/10/2013	8
Colômbia de olho no forte consumo brasileiro de café. Carine Ferreira – Valor Econômico, Agronegócios. 31/10/2013	9

México diz que Odebrecht prevê investir US\$ 8,1 bi – O Estado de São Paulo, Economia. 01/10/2013

O empresário brasileiro Marcelo Odebrecht afirmou que suas empresas planejam investir US\$ 8,1 bilhões no México nos próximos cinco anos, em uma ampla gama de projetos, que vão desde petroquímicas até concessões de rodovias, segundo informações do governo mexicano.

Odebrecht, que tem um conglomerado que inclui operações nos setores de construção, petroquímica, transporte, infraestrutura e biocombustíveis, se reuniu no México nesta terça-feira, 01, com o presidente Enrique Peña Nieto.

O empresário afirmou que o grupo Odebrecht já investiu US\$ 1,8 bilhão do montante planejado em estudos e projetos, de acordo com a assessoria de imprensa presidencial. Os investimentos foram feitos em áreas como petroquímica, energia renovável, etanol, açúcar e concessões de rodovias.

O grupo Odebrecht controla a Braskem, que se uniu com o mexicano Grupo Idesa em uma joint venture de etileno e polietileno no Estado de Veracruz, no México. O projeto, que está em construção, exige US\$ 3,2 bilhões em investimentos fixos e deverá envolver um total de US\$ 4,5 bilhões.

A Odebrecht também é um grande produtor de etanol. Diferentemente do Brasil que, com os EUA, é um líder mundial na área, o México ainda precisa se tornar um usuário do combustível, embora haja no país alguns projetos pilotos de produção.

Apesar da desaceleração da economia mexicana no segundo trimestre, os investimentos estrangeiros diretos (IED) ganharam força neste ano, depois de um desempenho fraco em 2012. O IED atingiu US\$ 23,9 bilhões no primeiro semestre, impulsionado pela compra da cervejaria Grupo Modelo pela Anheuser-Busch InBev, em comparação com US\$ 15,5 bilhões no ano passado.

Fonte: Dow Jones Newswires.

Etiópia e Honduras recebem arroz brasileiro. Thaís Margalho – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 04/10/2013

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) inicia mais uma operação de envio de arroz beneficiado do Programa de Ajuda Humanitária Internacional. Serão embarcadas 438 toneladas do grão para a Etiópia e 470 para Honduras. Com esta ação, o volume de alimentos doados pelo governo brasileiro a países em situação de insegurança alimentar ou atingidos por catástrofes chega a 11.682 toneladas somente em 2013.

A ação é liderada à Coordenação-Geral de Ações Internacionais de Combate à Fome (CGFOME), do Ministério das Relações Exteriores (MRE). A Companhia, por meio da

superintendência da Conab no Rio Grande do Sul, é responsável pelo leilão de troca, do arroz em casca pelo ensacado, e por acompanhar a entrega do produto no Porto de Rio Grande (RS).

A empresa vencedora do leilão de troca tem até o dia 21 de outubro para concluir a ação. O produto seguirá acondicionado em sacas de 50 kg dentro de containers de 25 t, permitindo maior mobilidade de embarque e desembarque, além de facilitar a distribuição no destino.

Estas operações atendem ao disposto na Lei 12.429/2011, que autoriza a doação de até 500 mil toneladas de arroz em casca dos estoques públicos, trocados pelo produto beneficiado por meio de leilão. Desde o início das operações, em julho de 2011, já foram embarcadas 206.742 t de arroz beneficiado para diversos países, e enviadas outras 500 t por via rodoviária para a Bolívia.

Modelo de 'megafazendas' é controverso e ameaça países africanos, diz pesquisador. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 06/10/2013

As "megafazendas" são vistas como saída para o desafio de elevar a produção de alimentos em 60% até 2050 --expansão necessária para alimentar a população mundial, que atingirá 9 bilhões de pessoas, segundo a FAO (braço das Nações Unidas para alimentação e agricultura).

Para isso, os investimentos no setor deverão aumentar dos atuais US\$ 8 bilhões por ano para US\$ 44 bilhões, acompanhando o maior uso de tecnologia no campo.

Com a elevada necessidade de capital, a tendência é que os grupos mais estruturados ganhem relevância.

"Nesse contexto, a escala é essencial. Com ela, poderemos atingir a produção ideal", afirma Michael Kugelman, pesquisador do instituto norte-americano Wilson Center e coautor do livro "The Global Farms Race".

Essa necessidade, no entanto, não deixa o tema menos controverso, diz ele.

Desde 2000, 24,8 milhões de hectares foram comercializados para uso agrícola em todo o mundo, segundo a Land Matrix, uma iniciativa internacional global que monitora esse tipo de negócio. Essa área é equivalente à do Pantanal mato-grossense.

Cerca de 60% dessas transações ocorreram na África, onde estão localizados mais problemas. "Os investidores prometem criar empregos locais e dizem que o uso de tecnologia vai melhorar a segurança alimentar. Mas poucos desses benefícios se materializam", afirma Kugelman.

Segundo ele, muitas empresas levam os seus próprios trabalhadores e não utilizam mão de obra local. Além disso, acrescenta, cerca de dois terços dos investidores estrangeiros

em países em desenvolvimento planejam vender a sua produção fora das nações em que plantam.

No Brasil, para barrar a especulação, a Advocacia-Geral da União (AGU) dificultou, em 2010, a compra de grandes extensões de terras por estrangeiros. A Argentina adotou medida semelhante.

"Em países democráticos, como o Brasil, é mais fácil impor algum tipo de controle sobre essa atividade. Mas é muito diferente em países como Sudão, Etiópia e Camboja", afirma Kugelman.

Importação de trigo de fora do Mercosul será inevitável em 2014. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/10/2013

SÃO PAULO - O presidente da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), Sérgio Amaral, disse que se rá inevitável importar trigo de fora do Mercosul em 2014. Isso porque não haverá oferta suficiente nos países do bloco para atender a demanda brasileira.

A entidade estima que a produção de trigo do bloco será de 17,4 milhões de toneladas em 2014, para um consumo esperado de 19,9 milhões de toneladas. Trata-se, portanto, de um déficit de 2,5 milhões de toneladas — todo ele concentrado no Brasil.

Neste ano, o governo brasileiro já liberou a importação de 2,7 milhões de toneladas de trigo de fora do Mercosul com isenção da Tarifa Externa Comum (TEC), que é de 10%.

Desse total, 2,1 milhões de toneladas já entraram no país. Segundo Amaral, a entidade já solicitou a importação de mais 600 mil toneladas nessa condição, demanda ainda em estudo no governo.

A maior parte do trigo importado de fora do Mercosul está vindo dos Estados Unidos, mas os moinhos associados da Abitrigo avaliam comprar trigo da Rússia, uma vez que há disponibilidade de produto a preços mais atrativos no país.

Em média, segundo Amaral, a tonelada do trigo russo custa até US\$ 70 mais barato que a do cereal americano.

“Apesar de estarmos estudando importar trigo russo, é preciso deixar claro que a decisão é dos moinhos. A entidade não se comprometerá com importações que sirvam de base para que o governo brasileiro faça acordo de exportação de outros produtos para a Rússia, como proteínas animais”, afirmou o representante.

O único obstáculo à importação de trigo russo nesse momento é sanitário. “Ainda há algumas impurezas e estamos avaliando com o governo que alternativas teríamos para minimizar esse tipo de inconveniente”.

Lucro líquido da Yara cai 40% no terceiro trimestre. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 18/10/2013

SÃO PAULO - A empresa norueguesa de fertilizantes Yara International registrou lucro líquido de US\$ 264,7 milhões no terceiro trimestre, 40% abaixo dos US\$ 441,72 milhões de igual período de 2012 e também aquém do esperado pelo mercado. Um grupo de analistas consultado pela Factset projetava, em média, US\$ 284,9 milhões. Uma redução nos preços globais dos fertilizantes foi responsável por puxar para baixo os resultados da companhia.

A receita líquida da Yara totalizou US\$ 3,45 bilhões, recuo de 1,5% na comparação com os US\$ 3,50 bilhões do mesmo intervalo do ano passado, mas ligeiramente acima dos US\$ 3,44 previstos pelo mercado.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), por sua vez, alcançou US\$ 557,5 milhões, queda de 19% em relação aos US\$ 691,7 milhões de um ano antes.

Em nota, o presidente e CEO da Yara, Jørgen Ole Haslestad, disse que o volume de vendas cresceu fora da Europa, especialmente no Brasil, onde a companhia concluiu a aquisição do negócio de fertilizantes da Bunge.

As entregas globais da Yara avançaram 17% no terceiro trimestre. As vendas de ureia, especificamente, subiram 13%, mas a companhia recebeu, em média, 24% a menos pelo produto.

A empresa de fertilizantes também informou que está avaliando um possível investimento em conjunto com a empresa química alemã Basf em uma unidade de produção de amônia, que seria instalada na Costa do Golfo dos EUA (região que compreende os Estados americanos cujo litoral está no Golfo do México).

Detalhes adicionais da possível joint venture, incluindo a localização exata e a capacidade da planta, estão sendo discutidos pelas duas empresas.

Receita da Syngenta atinge US\$ 2,92 bi no 3º trimestre. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico, Agronegócios. 18/10/2013

As vendas globais da multinacional suíça Syngenta cresceram 8% no terceiro trimestre (encerrado em setembro), a US\$ 2,92 bilhões. Nos nove primeiros meses do ano, as vendas somaram US\$ 11,3 bilhões, um aumento de 3% em relação ao mesmo intervalo de 2012.

O resultado foi parcialmente comprometido pela desvalorização de moedas como o real. A taxas de câmbio constantes, a receita com vendas cresceu 11% no trimestre e 5% no acumulado do ano.

Em nota, a fabricante de defensivos químicos e sementes destacou o desempenho dos negócios na América Latina, em especial do Brasil, que está em período de plantio da safra 2013/14.

No trimestre, as vendas para a região cresceram 11% (ou 17%, desconsiderando-se o efeito cambial). "O preço robusto da commodity e a depreciação do real está impulsionando a rentabilidade dos agricultores e deve resultar em um plantio recorde de soja", destacou a Syngenta.

No mesmo período, as vendas da Syngenta registraram crescimento de 9% na América do Norte, 6% na região formada por Europa, África e Oriente Médio e 2% no bloco Ásia-Pacífico.

Os defensivos agrícolas se mantêm como a principal fonte de receita da Syngenta. No trimestre, geraram uma receita de US\$ 2,3 bilhões, 8% a mais do que em igual período do ano passado. As vendas de sementes cresceram em ritmo semelhante, a US\$ 478 milhões. Descontando-se o efeito cambial, o negócio de sementes cresceu 14%, enquanto o de químicos avançou 11%.

A Syngenta é a líder mundial no mercado de defensivos agrícolas e é a terceira maior em sementes, atrás de Monsanto e DuPont.

Argentina aponta forte queda na produção de trigo. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém. 18/10/2013

Preparem o bolso para o pãozinho. A Argentina anunciou ontem que a safra de trigo do país será de apenas 8,8 milhões de toneladas.

Esse volume, se confirmado, ficará bem abaixo do de outras estimativas privadas, que indicam até 12 milhões de toneladas.

A Bolsa de Cereais de Buenos Aires, tradicionalmente com estimativas inferiores às do governo, prevê uma safra de 10,4 milhões.

O problema dessa produção tão baixa é que ela vem depois de outra safra bem inferior aos padrões normais argentinos. No período de 2012/13, a produção já tinha recuado para 8,2 milhões de toneladas, após ter atingido 14 milhões em 2011/12.

Duas safras ruins praticamente eliminaram os estoques de trigo do país. Com isso, o volume argentino de cereal disponível para exportação será de apenas 2 milhões de toneladas.

Esse cenário é muito complicado, principalmente para o Brasil, que só nos nove primeiros meses deste ano já importou 2,5 milhões de toneladas de trigo da Argentina.

Além disso, o Paraná, principal produtor nacional, também vem com quebra de safra, reduzindo a oferta interna de produto de qualidade.

Os preços internos sobem e as importações aumentam. O câmbio será decisivo para estabelecer os preços do trigo produzido internamente e do cereal que vem de fora.

Mas o país já vem buscando novos mercados neste ano porque a oferta de produto argentino é escassa.

As importações totais de trigo feitas pelo Brasil somam 5,24 milhões de toneladas de janeiro a setembro. Esse volume supera em 7% o de igual período do ano passado.

A falta de trigo na Argentina fez o governo zerar a alíquota de importação do cereal e os moinhos foram para outros mercados.

As importações brasileiras de trigo dos Estados Unidos, por exemplo, já somam 1,96 milhão de toneladas nos nove primeiros meses deste ano.

Em igual período do ano passado, os moinhos brasileiros haviam buscado 23,4 mil toneladas nos EUA.

As compras aumentaram também no Canadá, que vendeu 137 mil toneladas de trigo de janeiro a setembro deste ano. Paraguai, Uruguai e Líbano também estiveram na lista dos fornecedores do cereal ao país.

CONTAG participa de Diálogo Regional sobre Agricultura Familiar no Chile – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (CONTAG). 30/10/2013

A CONTAG e COPROFAM estão representadas no Diálogo Regional Latino-Americano convocado pela FAO para debater o Ano Internacional da Agricultura Familiar 2014. Participam pela CONTAG o vice-presidente e secretário de Relações Internacionais, Willian Clementino, a secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que também é a secretária geral da Coprofam, Alessandra Lunas, e o secretário de Política Agrícola, David Wylkerson. A atividade acontece no Chile.

"Esperamos que a FAO seja capaz de fortalecer e convocar os governantes de nossos países para a definição de políticas públicas capazes de fortalecer a agricultura familiar camponesa e indígena como principal estratégia para a garantia da soberania alimentar mundial", afirma Alessandra Lunas, secretária de Mulheres da CONTAG e secretária geral da Coprofam.

A dirigente terá uma fala durante o Diálogo, e reforçará as principais demandas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, como a Reforma Agrária; a soberania e segurança alimentar; acesso e melhor poder de mercado; promoção do empoderamento da mulher; a sucessão rural; dentre outras questões.

Esta reunião é a primeira de uma série que serão organizadas pela FAO e por outros organismos para fortalecer o entendimento sobre a importância da agricultura familiar, tanto nos países latino-americanos como em outros continentes.

Colômbia de olho no forte consumo brasileiro de café. Carine Ferreira – Valor Econômico, Agronegócios. 31/10/2013

Em tempos de forte queda das cotações internacionais do café, por conta de grandes volumes produzidos e incertezas sobre a demanda em tradicionais mercados consumidores, o Brasil desponta como um dos países emergentes onde as vendas do produto continuam a crescer e deverão seguir em expansão nos próximos anos. Alento para os produtores do país, a tendência não passou despercebida na Colômbia, que vislumbra abrir por aqui uma nova frente de disputa para agitar uma velha rivalidade antes restrita às exportações.

O "embate" se dará no campo dos cafés especiais, de qualidade superior, que ainda representam apenas de 3% a 4% do consumo brasileiro do produto e pelos quais os colombianos são conhecidos - com a ajuda de décadas de campanhas de promoção reconhecidamente eficientes. E para apoiar sua estratégia e fomentar as vendas de seu café verde, os vizinhos planejam inclusive trazer ao mercado brasileiro sua rede de cafeterias Juan Valdez, que já marca presença em países como Estados Unidos, México e Espanha.

Andrés Valencia, gerente comercial da Fedecafé, a influente federação de cafeicultores da Colômbia, dona da marca Juan Valdez, afirmou ao Valor que o grupo tem planos para o Brasil, mas não deu detalhes sobre a investida em gestação e jogou o foco da expansão para outros mercados. Afirmou que Coreia do Sul e Kuwait, por exemplo, deverão contar em 2014 com as primeiras cafeterias da rede - que hoje tem 238 lojas em nove países, 170 delas na Colômbia.

De janeiro a setembro deste ano, a Procafecol - empresa da Fedecafé que abriga a marca Juan Valdez e tem como acionistas cerca de 20 mil cafeicultores - registrou receita operacional de US\$ 56 milhões, 20% mais que no mesmo período de 2012. As lojas comercializam vários tipos de cafés, entre os quais orgânicos, "sustentáveis" e edições especiais. A Fedecafé representa, no total, cerca de 480 mil dos 570 mil produtores colombianos de café. A entidade também é responsável por repassar os subsídios concedidos pelo governo quando as cotações estão baixas.

Baixo é também o consumo interno de café na Colômbia, o que torna a descoberta de novos mercados quase uma obrigação. São cerca de 1,4 milhão de sacas de 60 quilos por ano, estima Valencia, ante uma produção que caminha para voltar a superar 10 milhões (ver matéria abaixo). No Brasil, segundo maior consumidor global do grão, atrás dos EUA, serão cerca de 21 milhões de sacas este ano, entre 2,5% e 3% mais que em 2012, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic).

Mas, mesmo econômico nos detalhes, Valencia afirmou que há negociações em curso para que o Brasil libere a importação de café verde da Colômbia. "Espero que o brasileiro possa ter acesso a um bom café colombiano". Seria, segundo ele, uma maneira de o Brasil "melhorar" seus blends de torrado e moído e ter um universo mais amplo de sabores. Para ele, o fato de a Colômbia ter importado 50 mil sacas de café do Brasil em 2012 pode ajudar nas negociações. "Queremos ter 10% do mercado brasileiro de cafés especiais, hoje estimado em 1 milhão de sacas".

Hoje, o Brasil não importa café cru (matéria-prima). A operação está condicionada a análises de risco de pragas do Ministério da Agricultura. Uma fonte do segmento disse que não há análises finalizadas sobre os produtos de nenhum país, embora acredite que o risco de entrada de pragas é pequeno. Já a importação pelo regime de drawback, com a eliminação de tributos para a compra de matéria-prima no exterior para posterior exportação de produto industrializado, é uma reivindicação antiga - sobretudo por parte da indústria de café solúvel, que perdeu competitividade por não ter matéria-prima (café robusta, de menor qualidade) suficiente para ampliar sua produção.

Por meio de sua assessoria de imprensa, o Ministério da Agricultura informou que há pedidos para análises de risco de pragas apresentados por alguns países interessados em exportar café verde ao Brasil, e elas estão em andamento.

Se o drawback de café é um assunto polêmico dentro do governo, a "internação" - importação do grão verde para consumo no país - sequer é "mencionada". Esse é o mecanismo que possibilitaria a compra de pequenos volumes de outros países para serem misturados aos grãos brasileiros em blends diferenciados. Mas essa ainda não é uma "bandeira" da indústria, que se ressentiu do aumento da importação de cafés especiais (industrializados) com blends que contêm diferentes origens de café.

A indústria brasileira não pode competir com esses produtos que utilizam essa diferenciação (grãos de vários países) como um diferencial de marketing, lembra Nathan Herszkowicz, diretor-executivo da Abic. Ele afirma que pesquisas mostram que o consumidor brasileiro gosta de experimentar e aprecia diferenciação. Para ele, o cobiçado mercado brasileiro de cafés especiais ainda é pequeno e uma eventual concorrência colombiana representaria uma ameaça à indústria nacional.

Atualmente, as empresas radicadas no país dominam o mercado brasileiro de cafés de melhor qualidade. No Programa de Qualidade do Café da Abic, existem 110 marcas de café gourmet (incluindo estrangeiras) certificadas e monitoradas.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria



CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa